

A ironia e a hipocrisia

EF-Bonato

CARLOS MICHILES

04 MAI 1994

Dias atrás publicamos um artigo intitulado "Preconceito e Eleições" (JBr, 23.04.94), onde abordávamos as formas sibilinas de preconceito que estão embutidas nos discursos e panfletos de campanhas eleitorais, dos próprios candidatos de Brasília, pregando o separatismo entre a população do Plano e das satélites. Faço as devidas advertências para este equívoco no modo de perceber as diversas facetas da realidade que não são estanques e isoladas, para concluir que o mesmo risco que corre o machado corre também a madeira. E esta advertência estava certa. Comprovam esta afirmação, duas destacadas manifestações de contundente preconceito filisteu, o programa do Casetta & Planeta, protagonizado pelo rotundo Bussunda, e o artigo de Roberto Campos, intitulado Brasília e Rio — que capital? (O Globo, 24.04.94). Ambos, coincidentemente (sic), publicados pela rede global de comunicação, destilando uma visão tão preconceituosa contra o povo de Brasília que faz lembrar o caráter destrutivo das mesmas idéias separatistas que vêm caracterizando o apartheid inserido na estrutura social vigente.

Quanto ao programa humorístico, não cabe maiores análises, por ser, em si, uma proposta niilista e anárquica dentro do qual cabem das iníquas as mais pueris afirmações mesmo expressando medíocres preconceitos como ver na posição geográfica de Brasília ou, na forma dos edifícios, sinais causadores da ausência de ética dos políticos brasileiros. Neste caso, é gratuito confundir os tijolos dos edifícios com a noção de cidadania.

O que importa, para nós, é analisar os termos do artigo de Roberto Campos por se constituir num intelectual com evidente influência na formação de opiniões. Parece que ele esqueceu-se de sua origem e do

seu papel desempenhado, especialmente, a partir dos anos 60 ao integrar o "think-tank" do projeto autoritário-modernizante implantado em 1964, com a derrubada do governo João Goulart, um prenúncio da mesma filosofia intervencionista que, mais adiante, golpearia o governo de Salvador Allende, no Chile. De um lado, o general Golbery, apoiado no contexto da guerra fria e no anticomunismo irracional, defendia a "dependência política essencial e necessária em relação aos EUA", de outro, Roberto Campos defendia "a essencial e necessária dependência econômica aos EUA". Foram, sem dúvida, os dois mais brilhantes intelectuais que formularam a teoria autoritário-modernizante, construída na base de um tripé entre os interesses do capital estrangeiro, a unificação da burguesia nacional e a formação de um forte segmento tecnoburocrático, do qual, o próprio Roberto Campos foi um de seus mais dedicados representantes. Esta interpretação aparece, inclusive, para derrubar as bases teóricas de uma interpretação nacional-burguesa, formulada pelo PCB e Iseb, nos anos 40 e 50, responsável pela sustentação teórica do modelo nacional-populismo.

Roberto Campos, neste seu artigo, destrata com desdém o segmento burocrático que trabalha no aparelho administrativo em Brasília, tendo sido ele um dos autores teóricos desta formação tecnoburocrática do Estado brasileiro. Hoje, apenas por ser deputado pelo Rio de Janeiro, mas poderia ser outro lugar, desde que tivesse interesse eleitoral, considera Brasília "uma versão burocrática de um mundo de leite e mel, tornada agradável por subsídios e privilégios (...) é a ilha da fantasia (...) ambiente para os "trens da alegria", para as trocas de favores às custas dos dinheiros públicos (...) povo é uma claque or-

ganizada: são empregados das estatais que a CUT traz de ônibus (...)"'. Esta é a sua visão umbilical de Brasília, visão alienada, vivenciada por intermédio de preconceitos de classe. Para ele, ao contrário, "há uma farsa trágica contra o Rio. Espoliado pelo capital, não recebeu quase nada das pífias compensações prometidas...".

Como naquela antiga fábula "A colméia ruidosa, ou canalhas feitos honestos", de Bernard de Mandeville, a sociedade está dividida em canalhas assumidos e os canalhas dissimulados. O grande objetivo destes membros da sociedade é encontrar o caminho mais fácil e curto para sobrepujar as demais em fama, poder e riqueza. A virtude era o crime bem-sucedido.

Nas idéias dos detratores de Brasília aparece este perfil de se fazer da virtude um crime bem-sucedido. Todos se esforçam em demonstrar a geografia da localização da cidade como responsável pela existência dos canalhas da fábula, quando uma cidade como o Rio de Janeiro, com toda sua maravilha de mar, sol e areia, assiste uma célebre deterioração da organização social, tomada pelo vírus da corrupção do bicho e seus representantes, do Executivo e Legislativo, envolvidos naquelas categorias da fábula.

O problema, assim, não está na localização geográfica e nem em uma vã rivalidade entre Brasília e, Rio, e sim, na postura moral e ética dos governantes. Isto porque uma sociedade, como diz Joan Robinson, constituída de egoístas irrefreados, sem ética que filtre os impulsos de suas ações, se espatifa em pedaços. Sem esta visão, o preconceito e a consequente deformação dos fatos ganham status de categoria científica.

■ Carlos Michiles é cientista político e professor visitante de pós-graduação da FGV, DF